

## ***Na colônia penal: uma leitura dos trópicos***

Maria Cristina Franco Ferraz

Escrito por Kafka em outubro de 1914 e publicado em 1919, *Na colônia penal (In der Strafkolonie)*<sup>1</sup> tem sido objeto de leituras e interpretações que o arrastaram em inúmeras e distintas direções. Meu intuito aqui não é o de propor uma leitura radicalmente nova, mas o de adotar uma perspectiva de certo modo enviesada, a fim de realçar alguns detalhes menos evidentes de imediato. Esses detalhes dão à novela um sabor e uma inteligência especiais. No mesmo gesto, alinho-me a um modo de aproximação do texto de Kafka que se afasta de interpretações tendencial ou claramente psicologizantes, teologizantes, supostamente apolíticas. De início, refiro-me brevemente à perspectiva sobre Kafka desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari. A seguir, retomo certos comentários de Luiz Costa Lima acerca de *Na colônia penal*. Seguindo algumas pistas traçadas por esses autores, proponho então uma aproximação do texto dessa sempre instigante novela de Kafka para, ao final, estabelecer um breve diálogo entre ela e o primeiro romance do escritor austríaco Robert Musil – *Die Verwirrungen des Zöglings Törleß (As perturbações do jovem Törless)*, publicado em 1906.

Judeu habitante de Praga, a partir de sua posição periférica no mundo e na cultura alemã, Kafka criou seus bizarros e inquietantes mundos, tanto mais realisticamente traçados quanto mais aparentemente “irrealistas” e labirínticos, delineados com a surpreendente nitidez e objetividade que em geral caracterizam os pesadelos. Esse efeito de “irrealização” não deve entretanto nos extraviar. Pois não equivale a um descolamento com relação aos processos históricos em curso na época, mas realiza, ao contrário, uma lúcida e irônica desmontagem de mecanismos de poder de fato operantes. Gilles Deleuze e Félix Guattari, no conhecido livro *Kafka: pour une littérature mineure*,<sup>2</sup> livram Kafka da neutralização realizada por leituras

<sup>1</sup> KAFKA, Franz. *O veredito; Na colônia penal*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Tradução de Modesto Carone. Para o cotejo com o original, cf. KAFKA, Franz. In der Strafkolonie. In: KITTNER, Wolf; KOCH, Hans-Gerd; NEUMANN, Gerhard. *Drucke zu Lebzeiten*. Frankfurt: S. Fischer Verlag: Schocken Books, 1994.

<sup>2</sup> Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: pour une littérature mineure*. Paris: Minuit, 1975.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 75-76.

que insistentemente o tomam como um autor afastado do “real”, como um escritor intimista, simbolista, alegórico, absurdo. Segundo Deleuze e Guattari, Kafka – tal como Nietzsche e Beckett, um “autor que ri” –, é um escritor sobretudo “político, adivinho do mundo futuro” (p. 75). Eis o que Deleuze e Guattari escrevem em um instigante pé-de-página:

Cólera de Kafka quando era tratado como um escritor intimista: assim, desde o início das cartas a Felícia, sua reação violenta contra os leitores ou os críticos que falam, antes de mais nada, em vida interior. [...] Não é por acaso que toda interpretação de tendência neurótica insiste ao mesmo tempo em um lado trágico e angustiado e em um lado apolítico. A alegria de Kafka, ou do que Kafka escreve, não é menos importante que sua realidade e seu cunho políticos. [...] Não dispomos de qualquer outro critério para o gênio senão a política que o atravessa e a alegria que ele comunica. Chamamos de interpretação vil, ou neurótica, toda leitura que transforma a genialidade em angústia, em trágico, em “assunto ou questão individual”. Por exemplo, Nietzsche, Kafka, Beckett, tanto faz: os que não os lêem com muitos risos involuntários e com frêmitos políticos, deformam tudo.<sup>3</sup>

Nessa passagem, a alegria aproxima-se da noção do trágico em Nietzsche como a força afirmativa que não se esquivava do aspecto problemático da vida, mas o acentua, intensifica, liberando assim o riso. Ainda segundo Deleuze e Guattari, Kafka se pretendia menos um espelho do que um “relógio que avança” (p. 107). Em *O processo*, por exemplo, a máquina literária kafkiana procede a uma efetiva e potente desmontagem da máquina da lei, acoplada à da representação:

Esse método da desmontagem ativa não passa pela crítica, que ainda pertence à representação. Consiste, antes, em prolongar, em acelerar todo um movimento que já atravessa o

campo social: ele incide em um virtual já real sem ser atual (as potências diabólicas do futuro que, por ora, somente batem à porta).<sup>4</sup>

Uma vez que o *real* não mais se confunde com o visível, que ele contém sempre uma grande parcela de virtualidade,<sup>5</sup> desvela-se a potência política da obra de Kafka. Ao imprimir um ritmo mais acelerado ao relógio, as obras de Kafka dão a ver processos efetivamente instalados, mas em geral não (ou *ainda* não) evidentes, ou insidiosamente neutralizados, pelos hábitos e pelo senso comum. Deleuze e Guattari afirmam: as “potências diabólicas do futuro” que apenas batiam à porta (fascismo, americanismo, burocracia) precipitam-se nos textos de Kafka, minuciosamente esquadrinhadas, surpreendidas antes mesmo de alcançarem nitidez, e mesmo consistência histórica. A ficção revolucionária de Kafka nada tem portanto de absurda. Ela produz uma aceleração do real que termina por decodificar e desmontar-lhe as ardilosas engrenagens. Só na medida em que se insiste em opor *realidade e virtualidade* é que se tende a inscrever a literatura de Kafka no confortável lugar do absurdo ou do onírico, desativando sua função corrosiva, como potente dispositivo de desmonte de relações de poder efetivamente operantes em nosso mundo.

Esse movimento de desmontagem e destruição por aceleração é bastante evidente na novela *Na colônia penal*. Cabe ressaltar entretanto que, embora tendo partido de algumas reflexões de Deleuze e Guattari sobre Kafka em geral, afasto-me agora da abordagem desse texto por eles desenvolvida para acompanhar mais de perto os oportunos comentários de Luiz Costa Lima no livro *Limites da voz: Kafka*.<sup>6</sup> Valendo-se de conceitos foucaultianos, Costa Lima enfatiza a diferença entre uma justiça “pré-panóptica”, ironicamente recriada na novela, e a “justiça pós-iluminista”<sup>7</sup> presente em *O processo*, ancorada na dessubstancialização da Lei e no desenvolvimento do Estado de direito (*Rechtsstaat*). Essa leitura potencializa o humor corrosivo expresso em *Na colônia penal* com relação à crença euro-

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 88-89.

<sup>5</sup> Esta noção de virtualidade, pensada como “real sem ser atual”, é de plena inspiração bergsoniana. Cf. BERGSON, Henri. *Matière et mémoire*. Paris: PUF, 1985.

<sup>6</sup> Cf. LIMA, Luiz Costa. *Limites da voz: Kafka*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 104-108.

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 106-107.

<sup>8</sup>Ibid., p. 106.

péia na superioridade e racionalidade de suas invenções jurídicas e penais, no caráter supostamente menos bárbaro, mais suave e *justo* das práticas de poder introduzidas na Europa moderna. O obsoleto aparelho de tortura e justiça da colônia penal, prestes a despedaçar-se e a degradingolar diante de nós, situa-se irônica e significativamente em alguma ilha nos trópicos, em uma colônia distante da Europa e de suas Luzes. Eis o que Costa Lima argutamente observa:

[...] a máquina, de que o oficial era o oficiante, pertencia a um tempo que, do ponto de vista vigente na Europa, seria um tempo de práticas jurídicas condenáveis. Em sua pesquisa sobre a novela, Wagenbach lembra que Kafka estava informado dos presídios-colônia penal das potências europeias (Nova Caledônia, Ilha do Diabo, Port Blair) [...]. Se a máquina continuava em operação era apenas por haver sido beneficiada pela distância tropical que separava a colônia penitenciária das luzes metropolitanas.<sup>8</sup>

Extrema ironia de Kafka, que flagrou em um só golpe a dupla face de um mesmo processo. Por um lado, partindo de um ponto (e de um ponto-de-vista) distante da Europa moderna, acentuou o destino de irremediável obsolescência que marca as regiões periféricas que o Ocidente, em sua expansão, foi anexando. No mesmo gesto, mimetizando o ponto-de-vista da metrópole, colocou em xeque de modo tão sutil quanto corrosivo a crença ocidental em um suposto impulso civilizatório, em uma evolução humanizadora, a partir do Iluminismo. Curiosamente, é no calor sufocante de uma ilha que se dá esse cruzamento de tempos históricos. Para ancorar a trama, Kafka pontua sua narrativa, inicial e aparentemente desreferenciada no tempo e no espaço, com índices precisos que assinalam um lugar e um tempo historicamente bem definidos. Acompanhem-nos, em detalhe, alguns desses sinais.

Em primeiro lugar, o texto é entremeado por referências ao suor e ao sol impiedoso, que comparecem também vinculados

aos sintomas de declínio da justiça operada pela máquina, vista como verdadeira aberração arcaizante tanto pelo visitante estrangeiro recém-chegado à ilha (há dois dias, conforme a novela) quanto pelo novo comandante que passou a governar a colônia. A cena se passa em um vale profundo, arenoso, isolado. O oficial transpira e possui dois delicados lençinhos de mulher (“*zwei zarte Damentaschentücher*”)<sup>9</sup> protegendo o interior da gola de seu uniforme militar. Só por esse detalhe já se pode notar, desde o começo do texto, que o uniforme é totalmente inapropriado para o clima do local, o que sugere de saída uma típica situação colonial. Esses lençinhos acrescentam saborosa ironia à novela, pois de modo sutil e engenhoso remetem diretamente ao tema da “feminização” inerente à “modernização” dos processos jurídicos e penais em curso na colônia – expresso na figura do novo comandante, seguido por seu séquito de mulheres.

Conforme descobrimos no final da novela, os delicados lençinhos de mulher haviam sido ofertados ao condenado antes de sua execução e tinham sido desviados pelo oficial, que os utilizara para proteger do suor a gola de suas quentes vestes militares. Preparando-se para o sacrifício na máquina que, ao executá-lo, se autodestrói (pois constituem um mesmo e único corpo),<sup>10</sup> o oficial começa a se despir e lança de volta ao condenado, já então livre da sentença, os referidos lençinhos, explicando rapidamente ao visitante: “presente das damas”. A esse delicado mimo, tinham-se ainda acrescentado outros presentes, como conta o oficial adepto da máquina obsoleta, ao comentar a necessidade de não se alimentar o condenado na véspera da execução, prescrição contrariada pelas mencionadas senhoras:

As senhoras do comandante entopem de doces [*Zuckersachen*] o homem antes que ele seja conduzido para cá. Durante a vida inteira ele se alimentou de peixes fedidos e agora tem de comer doces!

<sup>9</sup> KAFKA, Franz. In *der Strafkolonie*. p. 204.

<sup>10</sup> Impossível deixar de assinalar que a máquina de tortura e justiça em torno da qual gira a novela termina por se autodestruir com a introdução de uma espécie de vírus: exatamente a condenação *sê justo*, que se volta finalmente contra o próprio oficiante, contra o dispositivo jurídico tornado obsoleto.

<sup>11</sup> KAFKA, Franz. In *der Strafkolonie*, p. 220.

<sup>12</sup> KAFKA, Franz. *O veredicto; Na colônia penal*. p. 33.

A extrema ironia é ainda reforçada pela magreza e pelo estado de perpétua fome que caracterizam tanto o condenado, homem esquelético (“*ein magerer Mann*”),<sup>11</sup> quanto o soldado que segura suas correntes, em mais de um momento indissolavelmente ligado pelo idêntico apetite com que desejam a papa de arroz acoplada à máquina, como também pela brincadeira com as roupas rasgadas do sentenciado, resgatadas do fosso. Ao mesmo tempo, mantém-se a hierarquia entre o soldado e o condenado, pois, no final das contas, o soldado acaba por usurpar os dois lencinhos. Vemos então como esse expressivo detalhe funciona como um ponto de articulação que, pouco a pouco desdobrado na novela, evidencia em um primeiro momento a incongruência entre o uniforme e o clima tropical, o calor úmido e intenso da ilha em que se passa a trama. Aliás, sobre esse aspecto, quando o viajante estrangeiro comenta logo no início que o uniforme é por demais pesado para os trópicos, o oficial responde que eles “simbolizam a pátria” que não desejam perder.<sup>12</sup> De modo ainda mais significativo, o detalhe dos delicados lencinhos de mulher aponta com humor corrosivo para a hipócrita violência dessa outra forma de justiça, por assim dizer edulcorada, feminilizada, mais *humana*, identificada ao sistema jurídico e penal em vias de ser implantado pelo novo comandante. Além disso, os lencinhos de mulher também são utilizados para aludir, de passagem, à reprodução da hierarquia e da violência na relação entre o soldado (que se apropria do “presente das damas”) e o ex-condenado.

Ao colocar em primeiro plano a inquietante máquina de tortura e tecer elos sutis entre personagens e situações através do detalhe dos lencinhos de mulher, o texto aponta finamente para as formas de violência mais dissimuladas e refinadas que caracterizam a nova ordem jurídico-penal. À brutalidade em primeiro plano da máquina e de seu oficiante corresponde, em um plano tão ironicamente sutil quanto os lencinhos de mulher, o refinamento das novas práticas de poder, das novas formas de violência. Esse detalhe dos lencinhos inscreve-se no conto de modo sutil, mimetizando por assim dizer o aspecto muito mais microfísico, capilar, insidioso das práticas de

poder recém-instauradas na ilha. Eles podem passar despercebidos para o leitor, assim como as inúmeras micropenalidades que caracterizam – para me valer da analítica do poder moderno efetuada por Michel Foucault – as insidiosas práticas de poder na Europa moderna.

Evidentemente, os lenços relacionam-se tanto à delicadeza quanto à *sensibilidade* das mulheres, que não podem mais suportar a barbárie da cena de tortura e execução que a máquina e seu oficiente – igualmente obsoletos – insistem em efetuar. Com efeito, no texto cada vez mais o novo comandante vem acoplado a “suas senhoras”. O oficial refere-se a ele como, esse “comandante e as mulheres que o influenciam” (*Kommandant und seiner Frauen, die ihn beeinflussen*).<sup>13</sup> Quando o oficial sugere ao viajante que o defenda diante do novo comandante, põe na boca das mulheres as seguintes frases:

“No meu país o procedimento judicial é diferente”, ou “No meu país o acusado é interrogado antes da sentença”, [...] “No meu país existem outras punições que não a pena de morte”, ou “No meu país só houve torturas na Idade Média”.<sup>14</sup>

São tais suaves e sensíveis vozes femininas – que caracterizam a do comandante como uma “voz de trovão” (*Donnerstimme*) – que enunciam as novas regras e leis, supostamente mais humanas. Essas novas maneiras de julgar e punir seriam mais condizentes com a civilização pós-iluminista, que projeta sua sombra sobre a *obscuridade* medieval. A tortura é assim vinculada a um momento histórico ultrapassado e associada exclusivamente ao suplício, o que tem por efeito isentar os novos procedimentos de qualquer crueldade ou violência. Inevitável lembrar aqui tanto Nietzsche, que enfatizou o processo de progressiva espiritualização da crueldade na civilização ocidental, quanto, mais uma vez, Foucault e sua análise precisa dos mecanismos de poder modernos, disciplinares, com suas microtorturas cotidianas e infundáveis micropenalidades. O balcão em

<sup>13</sup> KAFKA, Franz. In der Strafkolonie. p. 225.

<sup>14</sup> KAFKA, Franz. *O veredicto; Na colônia penal*. p. 58.

<sup>15</sup> KAFKA, Franz. In der Strafkolonie. p. 119.

<sup>16</sup> KAFKA, Franz. *O veredicto; Na colônia penal*. p. 51.

que a sentença final sobre a justiça antiga será proferida (ainda na imaginação antecipadora do oficial) encontra-se, na novela de Kafka, repleto de mulheres. O viajante, que segundo o oficial tentaria ainda erguer sua voz para protegê-lo e à sua máquina de tortura, tem por fim sua boca tapada pela mão de uma das mulheres. Vemos portanto de que forma os lencinhos das mulheres, emblemas irônicos de uma nova sensibilidade e do impulso humanizador que caracterizam a modernização das relações de poder, prenunciam o papel tanto mais ativo quanto mais discreto (nos bastidores) exercido pelas damas do comandante na colônia penal. Lendo o texto com atenção, observamos que, com sua voz de trovão, o novo comandante é mero ventríloco de suas delicadas e sensíveis damas.

Outro detalhe do texto que configura a situação geopolítica do enredo diz respeito, obviamente, à menção às línguas em que se comunicam os diversos personagens. O oficial fala com o pesquisador viajante em francês, sem ser entendido nem pelo condenado nem pelo soldado que o vigia. Por outro lado, quando o oficial liberta o condenado, dirige-se a este – explica o texto – “na língua dele” (*in dessen Sprache*).<sup>15</sup> Ou seja: essa língua não deve ser a sua própria. Não se pode, entretanto, ter qualquer certeza quanto à nacionalidade dos superiores, uma vez que o francês poderia apenas funcionar como língua comum ao oficial e ao viajante. Este último, sempre tratado como estrangeiro recém-chegado à ilha, tem sua nacionalidade igualmente deixada em aberto. Em um monólogo interior, eis como o viajante/explorador (*der Forscher*) se autodefine:

é sempre problemático intervir com determinação em assuntos estrangeiros. Ele não era membro [*Bürger*, “cidadão”] da colônia penal nem cidadão do Estado a que ela pertencia. Se quisesse condenar esta execução ou mesmo tentar impedi-la, poderiam lhe dizer: você é um estrangeiro, fique quieto.<sup>16</sup>



Sugere-se portanto uma triangulação de línguas, de nacionalidades e de perspectivas: o viajante é estrangeiro, com relação ao oficial, e ambos se comunicam em uma língua desconhecida para os subalternos. Mas isso parece ser tudo o que podemos afirmar. A indecibilidade mesma quanto à efetiva nacionalidade tanto do viajante quanto das autoridades da ilha é crucial para caracterizar, mais amplamente, um ponto de vista geral europeu, ocidental. Ironicamente, é o anacrônico guardião do procedimento penal obsoleto que com mais clareza caracteriza essa perspectiva moderna mais ampla – eis como o explorador é referido na perspectiva do oficial: está “preso à visão européia das coisas, talvez seja um opositor decidido da pena de morte em geral e em particular deste tipo de execução mecânica”.<sup>17</sup> Ou ainda na apresentação do novo comandante, imaginada pelo oficial, o viajante é “um grande pesquisador do Ocidente, encarregado de examinar o procedimento judicial em todos os países”.<sup>18</sup> Em sua condição de juiz universal de todos os dispositivos jurídicos existentes, ele é emblemático da crença em valores universalmente válidos, da universalização de critérios de avaliação, crença metafísico-moral que se revelou como um dos suportes mais eficazes do processo de colonização e de expansão do Ocidente.

Corroborando essa caracterização, o texto estabelece uma conexão sutil entre o personagem do viajante pesquisador – que, ao mesmo passo que o leitor, ouve as explicações do oficial e assiste à cena – e o leitor implícito da novela, por certo também chocado com a brutalidade das práticas penais, que, embora obsoletas, ainda funcionavam na colônia tropical. Nesse sentido, essa perturbadora novela de Kafka revela corrosivamente novas formas de crueldade, mais insidiosas, ancoradas na racionalidade e na boa consciência. Pois esse mesmo homem que se arrepia horrorizado diante da máquina de suplício, que acredita em direitos humanos universais, esquiva-se no entanto de qualquer ação, mantendo-se na cena neutro em sua confortável posição de *Privatmann*<sup>19</sup> (homem “privado”), que viaja só para ver, e não para alterar procedimentos judiciais

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 57.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 58.

<sup>19</sup> KAFKA, Franz. In der Strafkolonie. p. 230.

<sup>20</sup> Ele viaja, diz o texto, “*nur mit der Absicht zu sehen und keineswegs etwa, um fremde Gerichtsverfassungen zu ändern.*” KAFKA, Franz. In der Strafkolonie. p. 222.

<sup>21</sup> KAFKA, Franz. *O veredicto; Na colônia penal*, p. 57.

<sup>22</sup> *Ibid.*, p. 31.

estrangeiros.<sup>20</sup> De modo corrosivo, o provável respeito pela diferença cultural desse viajado pesquisador se alia à diferença de parâmetros empregados para avaliar práticas em seu (civilizado) país ou em outras culturas, mais “atrasadas”. Ou seja: derrocada e ruína das crenças e princípios universalistas e humanitários pós-iluministas, travestida de tolerância cultural. Eis o certeiro comentário do oficial, cujo anacronismo permite apontar contradições modernas:

Efetivamente o senhor viu muitas peculiaridades de muitos povos e aprendeu a respeitá-las; por isso é provável que não vá se pronunciar contra este procedimento com toda a energia, como talvez em seu próprio país.<sup>21</sup>

O explorador só toma posição quando, acuado, responde seca e negativamente ao pedido de apoio feito pelo oficial. Essa atitude de recusa vem tarde e não chega a ser uma ação. Sua reação efetiva se dá no final, quando foge correndo da ilha. Já no barco, por fim age: ameaça e rechaça, com a grossa corda do barco, o soldado e o ex-condenado, que tentam embarcar e fugir com ele para a metrópole (de fato, uma imagem antecipadora!). Desse modo, à náusea provocada no leitor moderno pela terrível e arcaica máquina penal, acrescentam-se a vergonha e o nojo ante a triste figura do homem moderno, com sua nova sensibilidade e senso de justiça, com sua indiferença, também antecipadoramente camuflada de tolerância multicultural, em sua condição de *Privatmann*, viajante e pesquisador ocidental. Pressionado, entretanto, no final da história, ele acaba revelando seu verdadeiro gesto e agressividade.

Há ainda outro elemento sutil que, menos evidente em uma leitura apressada, introduz-se no texto, e terá papel significativo no desdobramento da breve leitura aqui apresentada. Trata-se da caracterização, esboçada na novela, do soldado e sobretudo do condenado. No parágrafo de abertura da novela, o sentenciado é assim descrito: “uma pessoa de ar estúpido, boca larga, cabelo e rosto em desalinho”.<sup>22</sup> Mais adiante: “o movimento dos seus *lábios protube-*

rantes e comprimidos mostravam claramente que não conseguia entender nada”.<sup>23</sup> Sua submissão é tão “canina” quanto sua fome perpétua. Como se pode observar, sua humanidade degradada o afasta do reino dos homens, de sua superioridade como seres inteligentes e racionais. O soldado, por sua vez, está constantemente sonolento: mais um traço que o amalgama ao condenado cuja corrente segura, sentenciado justamente por ter adormecido em serviço. Inevitável lembrar as características de indolência e entorpecimento que estigmatizaram, na visão metropolitana, os habitantes primitivos das colônias tropicais. No caso do Brasil, a leitura da literatura dos viajantes do século XVI já é bastante instrutiva a esse respeito, ao enfatizar o bicho-preguiça, emblemático de certas tendências das populações não europeias submetidas, destinadas a fracassarem em projetos de desenvolvimento e progresso.

Essas caracterizações podem ser vinculadas, na novela, às reiteradas menções ao calor sufocante e suas conseqüências com relação à capacidade de pensar, de “humanizar-se”. Por causa do intenso calor, o próprio viajante tem dificuldade em prestar atenção às detalhadas explicações do oficial a respeito da máquina de tortura: “o sol forte demais se enredava no vale sem sombras, era com dificuldade que se podia juntar os pensamentos.”<sup>24</sup> No pensamento europeu do final do século XIX, categorias explicativas como clima, raça e meio (cf. Hyppolite Taine) intervêm fortemente nas ciências humanas nascentes. Também nessa época, Théodule Ribot, em seu influente livro *Psychologie de l'attention* (1889), enumera, entre aqueles que se caracterizariam por uma capacidade deficiente de atenção, as crianças, as prostitutas, os selvagens, os vagabundos – e os sul-americanos.<sup>25</sup> Ao que tudo indica, para o pensamento do início do século XX, sol em demasia leva a uma necessária desatenção, embrutecimento e desumanização desse ser pensante que o Ocidente estabeleceu como parâmetro para a normalidade e como evidência de sua superioridade.

A partir dessa associação entre sol escaldante e entorpecimento, sugerida sutilmente na novela, pode-se entender melhor o projeto de

<sup>23</sup> *Ibid.*, p. 39. Ênfase minha.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 34-35. Tradução ligeiramente alterada.

<sup>25</sup> Cf. CRARY, Jonathan. A visão que se desprende: Manet e o observador atento no fim do século XIX. In: CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001. p. 111.

<sup>26</sup> Ouve-se aqui o eco do *Novo testamento*, da descrição da agonia de Cristo na cruz, tal como nos evangelhos de Lucas (cap. 23, versículos 44 a 46) e Mateus (27, 45 a 46), pois é na “sexta hora” que as trevas começam a cobrir a terra, até a nona hora, quando Jesus lança seu grito desesperado (“Pai, por que me abandonastes?”) e morre. Essa pista não nos obriga, de forma alguma, a uma leitura teologizante da novela, não se tratando de uma chave obrigatória de leitura, mas da remissão a um sentido pregnante na cultura ocidental, que acrescenta sem dúvida algumas ressonâncias ao tema político do sacrifício, que aqui não estamos privilegiando.

<sup>27</sup> KAFKA, Franz. *O veredicto; Na colônia penal*. p. 48.

<sup>28</sup> KAFKA, Franz. In *der Strafkolonie*. p. 219.

<sup>29</sup> KAFKA, Franz. *O veredicto; Na colônia penal*. p. 55.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 75.

<sup>31</sup> Cf. MARTINS, Hermínio. *Hegel, Texas e outros ensaios em teoria social*. Lisboa: Século XXI, 1996.

<sup>32</sup> Citada por Modesto Carone, no posfácio à sua tradução do texto. KAFKA, Franz. *O veredicto; Na colônia penal*. p. 87.

humanização, de ascese, também presente na máquina de tortura. Segundo seu adepto e herdeiro, a máquina propiciaria uma espécie de revelação, de iluminação, por favorecer a emergência redentora do pensamento. Quando o oficial explica o fenômeno (*Erscheinung*) que sucede ao supliciado por volta da sexta hora (*ein Wendepunkt*),<sup>26</sup> eis como descreve o momento crucial de iluminação: “Mas como o condenado fica tranqüilo na sexta hora! O entendimento emerge mesmo no mais estúpido.”<sup>27</sup> (*Verstand geht dem Blödesten auf*).<sup>28</sup> A máquina de tortura e justiça permite então a iluminação redentora, a emergência do *entendimento*, da razão (*Verstand*), do *espírito*, até mesmo no mais estúpido dos homens. Daí, segundo o oficial, seu imenso fascínio. Mais adiante, o oficial descreve o efeito desse assombroso dispositivo de redenção, rememorando o passado recente da colônia:

Como captávamos todos a expressão de transfiguração [*Verklärung*] no rosto martirizado, como banhávamos as nossas faces no brilho [*Schein*] dessa justiça finalmente alcançada e que logo se desvanecia!<sup>29</sup>

Por uma suprema ironia, é exatamente essa experiência máxima que não se cumpre no caso do oficial, imolado enquanto a máquina se despedaça: morto, em seu rosto “não se descobria nenhum sinal da prometida redenção [*Erlösung*]”.<sup>30</sup>

Inevitável lembrar que *Na colônia penal* foi escrita no mesmo ano em que se deflagrou a Primeira Grande Guerra, momento em que a visão prometida da técnica<sup>31</sup> foi duramente golpeada e o avanço tecnológico começou a revelar seu mais sombrio e terrível reverso. As promessas redentoras do progresso, da técnica e da ciência modernas se estilhaçavam. Eis o que Kafka afirma em uma carta a seu editor, escrita em 1916: “Como esclarecimento desta narrativa acrescento apenas que não só ela é penosa, mas que o nosso tempo em geral e o meu em particular também o são”.<sup>32</sup>

Ao que tudo indica, a antiga máquina da colônia penal visava a uma certa experiência de ascese, fazendo emergir um outro nível

de “razão” ou “entendimento”, promovendo uma maior *humanização* do homem ou até mesmo sua ultrapassagem. De que maneira a inquietante associação entre tortura do corpo do outro e *elevação* do homem encontram-se associados pode ser talvez ainda mais bem observado se colocarmos, para concluir, a novela de Kafka em breve diálogo com o romance de Musil, publicado em 1906, já mencionado (*O jovem Törleß*). O romance se passa em um internato para adolescentes abastados em que um bolsista é flagrado roubando e tem seu delito silenciado em troca de se tornar escravo do grupo. Enquanto um deles (Reiting) tortura o colega Basini por puro prazer, eis como Beineberg – o líder intelectual do grupo – entende o castigo infligido ao colega infrator:

Quanto a Basini, acho que não merece piedade. Não importa se vamos denunciá-lo ou se vamos dar uma surra nele, ou martirizá-lo até a morte, só por diversão. Pois não consigo imaginar que uma pessoa assim signifique algo na maravilhosa engrenagem do mundo. [...] Quer dizer: alguma coisa ele deve representar, mas com certeza algo tão indefinido quanto um verme ou uma pedra no caminho, que não sabemos se vamos ignorar ou espezinhar. [...] Em um ser humano, [a alma universal] coloca essa dureza na personalidade, na consciência, na responsabilidade que ele sente por ser parte [dela]. [...] E quando um ser humano se perdeu a si mesmo, renunciou a si, perdeu também aquela coisa especial [...] para a qual a Natureza o criou como ser humano. E em nenhum outro caso como neste poderíamos estar tão seguros de que estamos lidando com algo inútil, com uma forma vazia, algo há muito abandonado pela alma universal.<sup>33</sup>

Articula-se nessa passagem um encontro inquietante entre a perspectiva ocidental acerca da superioridade do *homem* – sempre definido de forma excludente e normatizante – e certos traços evi-

<sup>33</sup> MUSIL, Robert. *O jovem Törless*. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 74.

<sup>34</sup> Ibid., p. 79.

<sup>35</sup> Ibid., p. 80.

dentos de uma metafísica impregnada por elementos orientalizantes. Como mostra Musil, “o” homem, como categoria supostamente universal, remete a um tipo de homem particular – o homem europeu, branco, adulto, civilizado, etc – para cuja expansão e desenvolvimento deverão servir todas as outras formas de vida, todas as forças da natureza. Na novela de Musil, é estabelecida uma ominosa equivalência entre o mais fraco na escala social (caso do interno bolsista Basini) e o verme, o mineral inanimado, o sub-homem, em suma, que se pode – e se deve – martirizar em nome de uma suposta *Weltseele* (“alma universal”). A inferioridade social e a fraqueza moral caracterizam então o aquém do homem, o “pré-homem”, que deve ser oferecido em sacrifício para possibilitar uma ascese da alma do europeu. É ainda Beineberg que, nesse livro magistral, afirma:

Li sobre as terríveis penitências dos monges iluminados, e você não desconhece os métodos dos santos hindus. As coisas cruéis que acontecem servem unicamente para matar os desejos miseráveis que se dirigem para fora, e que, seja vaidade, fome, alegria ou piedade, apenas nos afastam do fogo que cada pessoa é capaz de acender dentro de si.<sup>34</sup>

Exatamente porque me custa torturar Basini [...], exatamente por isso, é bom. Pois exige sacrifício. Surtirá efeito purificador. Devo isso a mim mesmo; e preciso aprender com Basini, diariamente, que ser apenas humano nada significa, é mera aparência, uma macaquice [...].<sup>35</sup>

A experiência de purificação e ascese se exercitam através da tortura do verme, do aquém do homem, visando à ultrapassagem da macaquice humana e ao contato redentor com uma pretensa essência íntima, com uma suposta *Weltseele*. Ouve-se aqui uma estranha absorção e reinterpretção das ascèses propostas em certas perspectivas orientais, de que o pai de Beineberg era inclusive especialista. Configurando esse amálgama entre visões racistas (a partir das quais “o” homem se define) e busca caricata de elevação espiritual, inte-

rior, com matizes evolucionistas, os textos ficcionais desses autores que aceleraram de fato o relógio – Musil, no início do século XX e Kafka, no limiar da Primeira Guerra – revelam-se de um realismo extraordinariamente lúcido e inquietantemente profético. A menos que se tivesse rido com Kafka, e levado a suas últimas conseqüências as inquietações do jovem Törless, que aqui retomo:

Pensava em Beineberg; como era estranho esse rapaz! Suas palavras combinariam com um arruinado templo hindu, com ídolos sinistros e serpentes encantadas em profundas cavernas; mas o que elas faziam ali, à luz do dia, no Internato, na moderna Europa?<sup>36</sup>

Tanto Kafka quanto Musil parecem convidar o leitor moderno a considerar estranhas e ominosas virtualidades que iriam em breve adquirir consistência histórica no século XX. Entretanto, tal efeito supõe uma determinada relação com o texto, certa abertura para sua *Umheimlichkeit*, evitando a cilada da domesticação inerente a uma leitura na chave desrealizadora do absurdo ou do pesadelo. Nesse sentido, caberia retornar ainda uma vez a *Na colônia penal*, a certas passagens que sugerem o que está em jogo no texto e no gesto de leitura. Ao fazê-lo, entretanto, não estou pressupondo uma interpretação única ou definitiva dessas passagens; tampouco encerrando-as na tautologia da metalinguagem. Gostaria apenas de ressaltar de que modo Kafka introduziu algumas pistas sobre texto e leitura em sua novela.

Quanto ao texto, eis as curiosas observações do viajante, face à estranha, ilegível e ornamentada escrita que a obsoleta máquina de tortura produz:

[...] enxergava apenas linhas labirínticas, que se cruzavam umas com as outras de múltiplas maneiras e cobriam o papel tão densamente que só com esforço se distinguiam os espaços em branco entre elas.<sup>37</sup>

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 83.

<sup>37</sup> KAFKA, Franz. *O veredicto; Na colônia penal*. p. 46.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 46-47.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 49.

Labirinto em que múltiplas linhas se embaralham definitivamente, o texto de Kafka solicita um leitor-Ariadne, capaz de desembaralhar e traçar certos fios condutores, não para tornar tudo de uma vez por todas claro, mas apenas para criar alguns entre-espaços em branco – procedimento que demanda, inevitavelmente, um grande esforço. É, entretanto, o oficial que dá o conselho mais apropriado para os leitores de Kafka, quando explica de que modo a sentença será por fim lida e entendida pelo condenado: “É preciso estudá-la muito tempo. [...] Naturalmente não pode ser uma escrita simples”.<sup>38</sup> Como ler não equivale a uma mera experiência racional, ele acrescenta: “[...] não é fácil decifrar a escrita com os olhos; mas o nosso homem a decifra com os seus ferimentos”.<sup>39</sup> Ler Kafka requer que nos afastemos da ênfase tradicional na visão, nos olhos, como órgãos de leitura – metáforas privilegiadas da *teoria* e da compreensão racional. Contra essa tradição, *Na colônia penal* sugere que são sempre as feridas históricas do corpo que nos permitem ler um texto. Não para esclarecê-lo de uma vez por todas, eliminando seu aspecto inquietante, mas para reconhecer e acentuar sua potência, enfatizando sua sempre produtiva *Unheimlichkeit*.